

Gricha¹

Autor - Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução de Nadia Novosad²

Revisão de Tanira Castro

Gricha, menino pequeno, rechonchudo, que nasceu há dois anos e oito meses, está passeando na avenida com a babá. Veste um longo traje forrado de lã, um xale, um grande chapéu com borda felpuda e galochas quentes. Sente calor e falta de ar; o alegre sol de abril bate-lhe ainda bem nos olhos e belisca-lhe as pálpebras.

Toda a sua figurinha desajeitada, que vai caminhando com timidez e indecisão, reflete uma perplexidade extrema.

Até agora, Gricha conhecia apenas o mundo quadrangular de seu quarto, onde, num dos cantos, fica sua cama; noutro, o baú da babá; no terceiro, uma cadeira, e, no quarto, um velador sob uma imagem. Espiando-se para debaixo da cama, vêem-se uma boneca, de braço quebrado, e um tambor. Atrás do baú da babá, existem muitos objetos diferentes: carretéis de linha, papeizinhos, uma caixinha sem tampa e um palhaço quebrado. Além da babá e de Gricha, aparecem com frequência, neste mundo, mamãe e o gato. Mamãe parece uma boneca, e o gato parece a estola do papai, só que a estola não tem olhos, nem rabo. No mundo chamado quarto de criança, há uma porta que dá para um espaço, onde as pessoas jantam e tomam chá. Ali ficam a cadeirinha alta de Gricha e o relógio de parede, que existe unicamente para balançar e soar de vez em quando. Da sala de jantar, pode-se passar para um quarto com poltronas vermelhas. Ali, sobre o tapete, aparece uma mancha, por causa da qual se costuma, até hoje, ameaçar Gricha com o dedo. Além desse quarto, há um outro, onde não o deixam entrar e onde aparece papai, uma personalidade extremamente misteriosa! A babá e a mamãe são compreensíveis: elas vestem Gricha, servem-lhe comida e deitam-no para dormir, mas para que existe o papai, não se sabe. Existe ainda outra personalidade misteriosa: a tia que apresentou Gricha com o tambor. Ora aparece, ora desaparece. Para onde é que ela vai? Mais de uma vez, Gricha espiou em baixo da cama, atrás do baú e debaixo do divã, mas ela não estava lá...

Todavia, nesse novo mundo, em que o sol pica os olhos, há tantos papais, mamães e titias, que não se sabe sobre quem precipitar-se correndo. E o mais estranho e absurdo de tudo são os cavalos. Gricha olha para suas pernas, que se

¹ Tradução adaptada do original russo *Gricha (Gricha)* - conto de Anton Pavlovitch Tchekhov, extraído de *Povesti i Rasskazy v trikh tomakh (Novelas e Contos em três volumes)*, Moscou, Ed. Khudozhestvennaya Literatura, 1959, vol. I, pág. 273-276. Trabalho individual apresentado para avaliação do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI.

² Enfermeira, aposentada, aluna do Curso de Extensão em Língua Russa, promovido pelo Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras - UFRGS.

movem, e nada consegue compreender. Olha para a babá, esperando que resolva sua situação de perplexidade, mas ela permanece calada.

De repente, ouve uma pisadas terríveis... Caminha ritmadamente pela avenida, bem na sua direção, uma multidão de soldados de rostos vermelhos e com vassouras de banho seguras na axila. Gricha fica todo frio de horror e lança um olhar interrogativo para a babá: não será perigoso? Mas a babá não foge, nem chora, quer dizer que não há perigo. Gricha acompanha os soldados com os olhos e começa a marchar no mesmo ritmo.

Dois grandes gatos, de focinho comprido, língua pendente e rabo levantado, atravessam a avenida correndo. Gricha pensa que ele também deve correr e sai atrás dos gatos.

— Espera! — grita-lhe a babá, agarrando-o, de modo grosseiro, pelos ombros — Onde vai? Pensa que te deixaram fazer travessuras?

Há uma outra babá, sentada, segurando uma gamela com laranjas. Gricha passa por ela e apanha, silenciosamente, uma laranja.

— Para que isso? — grita a acompanhante, dando-lhe um tapa na mão e arrancando-lhe a laranja — Bobo!

Nesse momento, Gricha apanharia com prazer um vidrinho, jogado sob os pés dos transeuntes e que brilha como um velador, mas tem medo de que lhe batam novamente na mão.

— Meus cumprimentos! — ouve de repente Gricha, quase sobre seu ouvido, a voz sonora, cheia, de alguém, e vê um homem alto, com botões claros.

Para seu grande espanto, este homem dá a mão à babá, pára ao lado dela e começa a conversar. O brilho do sol, o barulho das carruagens, os cavalos, os botões, tudo isso é tão admiravelmente novo e nada assustador, que o coração de Gricha enche-se de um sentimento de deleite e ele se põe a dar gargalhadas.

— Vamos! Vamos! — grita para o homem de botões claros, puxando-o pela alça.

— Vamos para onde? — pergunta o homem.

— Vamos! — insiste Gricha.

Tem vontade de dizer que não seria mau, igualmente, levar consigo papai, mamãe e o gato, mas a língua diz coisa completamente diversa do seu pensamento e do necessário.

Um pouco depois, a babá afasta-se da avenida e introduz Gricha num grande pátio, onde ainda há neve. Segue-os o homem de botões claros. Evitam, cautelosamente, os torrões de neve e as poças de água; sobem uma escada suja e escura e entram num quarto. Ali há muita fumaça, sente-se um cheiro de assado, e uma mulher, junto ao fogão, frita bolinhos de carne. A cozinheira e a babá se beijam, sentam-se num banco com o homem de botões claros e põem-se a falar em voz baixa. Gricha, que está muito agasalhado, começa a sentir um calor insuportável e falta de ar.

— Por que será? — pensa, olhando ao redor.

Vê o teto escuro, um atizador com dois chifres, o fogão que escancara a bocarra negra...

— Mamãe! — choraminga ele.

— Ora, ora, ora! Grita a babá — Você pode esperar!

A cozinheira põe sobre a mesa uma garrafa, dois cálices e um empadão. As duas mulheres e o homem de botões claros fazem chocar-se os cálices e bebem diversas vezes, e o homem abraça ora a babá ora a cozinheira. Depois, os três começam a cantarolar.

Gricha arrasta-se em direção ao empadão e ganha um pedacinho. Come e vê como a babá vai bebendo... Gostaria de beber também.

— Me dá! Babá, me dá! — pede.

A cozinheira lhe dá para beber um pouco de seu cálice. Ele arregala os olhos, enruga o rosto, tosse e fica muito tempo agitando os braços, enquanto a cozinheira olha para ele, dando risada.

Voltando para casa, Gricha põe-se a contar à mamãe, às paredes e à casa, onde ele esteve e o que viu. Fala, usando a língua menos que o rosto e as mãos. Faz gestos, mostrando como brilha o sol, como correm os cavalos, como aparece o terrível fogão e como bebe a cozinheira...

À noite, não consegue adormecer. Os soldados com vassouras, os grandes gatos, os cavalos, o vidrinho, a gamela com laranjas, os botões claros — tudo se aglomerou num bloco e aperta-lhe o crânio. Vira-se de um lado para o outro, tagarela e, não suportando por fim aquela excitação, começa a chorar.

— Você está com febre! — diz a mãe, encostando a palma da mão em sua fronte — O que teria acontecido?

— Fogão — chora Gricha — vai embora daqui, fogão!

— Deve ter comido demais... — decide a mamãe.

E Gricha, que está sob o impacto de uma vida nova, recém conhecida, recebe de mamãe uma colherada de óleo de rícino.